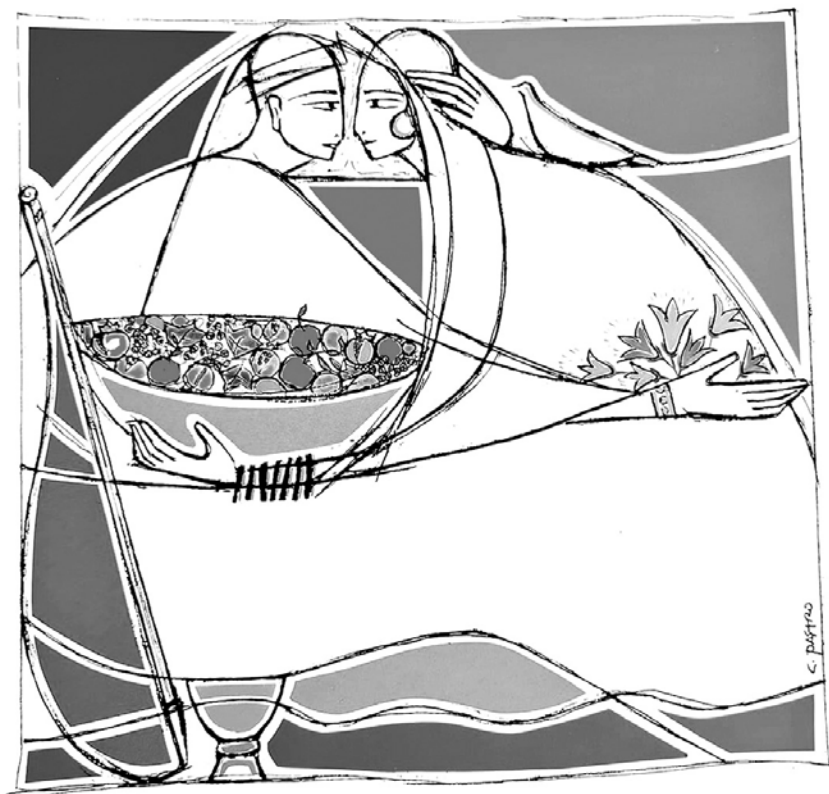


SEJA INTEIRA



crônicas

© Copyright 2021 by Karin Silva

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração

ArtNer Comunicação

Diagramação

Joselito Miranda

Capa

Arte Sacra Claudio Pastro

Impressão

Infographics

Ilustrações

Gladston Barroso

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Silva, Karin.

S586s

Seja inteira: crônicas. / Karin Silva.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2021.

64p.: il.

ISBN: 978-65-88562-37-6

1. Literatura Sergipana

I – Título

2. Prosa narrativa

3. Poesia

CDU: 821.134.3 (813.7) -3

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · <http://artner.com.br/>

KARIN SILVA

SEJA INTEIRA

ARRAJU-SE

ArtNer^{EDITORA}
Comunicação

2021



AGRADEÇO

Ao matrimônio dos meus pais: Cesário Francisco da Silva e
Marlene Rosa da Cruz Silva.

Ao Mosteiro Nossa Senhora da Paz de Itapecerica da Serra
São Paulo – SP - Brasil

Aos educadores, terapeutas, artistas, médicos, músicos
sacerdotes, sacerdotisas caminhantes e navegantes desta
jornada Amor.



PREFÁCIO

E escrever é dar vida ao texto, não apenas pela codificação e decodificação de letras e palavras, mas é um ato de “rasgar-se e remendar-se” (Guimarães Rosa) diariamente, assim, a paulista, pedagoga multifacetada e recém-chegada às terras do cacique Serigy, Karin Silva, desbrava o mundo dos livros, entrando no hall dos escritores com sua segunda obra: Seja Inteira.

A presente obra é uma antologia de crônicas e poesias escritas em período pandêmico. Mas o que isso tem a ver com a produção? Tudo, meu caro leitor. Pois bem. Sente-se de maneira confortável e vamos lá!

Crônica é uma narrativa breve que tem por objetivo comentar algo do cotidiano, é um relato pessoal do autor sobre determinado fato do dia a dia. Escrever na pandemia – no isolamento social – é ato de crescimento individual e espiritual, além de libertar-se de amarras sociais e voar além-fronteiras. Assim faz a jovem cronista que poetiza a vida.

Suas crônicas leves e prazerosas são mergulhadas no processo de intertextualidade a partir do poder transformador que há na leitura, já dizia Paulo Freire.

E...

Se pensarmos na vida, que seja perfumada pela mais doce lavanda, protegida pela bênção das rezadeiras e vivenciada pelos fatos da nossa memória.

Viver? Só se for intensamente! Viver como jovens!

Relacionamento? Chico, Zé, Francisco... Que seja para eu amar e para ser amada!

Se eu cansar? Sento-me à sombra e lavo meu rosto com água limpa e o seco à brisa do vento ou do pedalar.

Esses são alguns dos questionamentos reflexivos que norteiam a obra.

“Pronto!”. Encerro minha fala, concluo o prefácio e convido todos à leitura e ao deleite da literatura da novel escritora, a quem faço votos de felicitações.

*Matheus Luamm Santos Formiga Bispo
Professor, escritor e membro da Academia Capelense de Letras e Artes
(ACLA) e da Academia Sergipana de Contadores de Histórias (ASCH).*

SUMÁRIO

Olha o amendoim	11
Ai se é	
Para alcançar o céu.....	19
Somos tão jovens, tão jovens!	
Faremos jus!	21
A nova vizinhança: o futuro!	24
Complexidade do devir	27
Para se lembrar de mim.....	33
Quis um homem que me amasse como José amou Maria	
Arquétipo e religião.....	38
Cura cadência e carência.....	40
Perita em Édipo.....	42
O Jumbão, o SuperTem e o Pão de Açúcar	44
Ana Rita	48
Brinquedo de rodas	53
Ame	56
É passado companhia!	
É passado conteúdo!	58
Posfácio	61
Notas finais da autora	62



SEJA INTEIRA

OLHA O AMENDOIM



– Eu sinto muito, isso é dor que não se apaga, mas transforma.

– Com toda licença, a mãe aqui sou eu: disse D. Judite.

Ela era senhora forte e virou benzedeira. Na juventude, havia cometido um aborto que lhe feriu a existência.

O som das palmas em seu portão era o anúncio de mais uma procura:

– Oi Dona Judite! Vim me benzer e tenho uma pergunta: aborto é legal ou ilegal?

– Oi minha filha, Deus te abençoe!

Outra vez se repetia aquela pergunta que conduzia D. Judite para o seu espaço de oração: o amendoim!

– Amendoim?!?!

– Isso mesmo, menina! Se você trazer o aborto em sua alma, olhe para o amendoim!

– Por quê, D. Judite?

– O aborto é um fruto em baixo da terra na vida da mulher. Você já viu como nasce o amendoim?

– Nunca vi não! Mas a senhora não acha que uma mulher que sofreu um estupro deve abortar?

– A gente nasceu pra ser Eva muito antes de ser Maria. Já pensei até que matei Caim pra ele não matar Abel, disse com convicção. Me conte: tá grávida?

– Acho que sim! E estou com medo de contar pra minha mãe.

– Estupro?

– Não.

Judite caminhava com calma em direção à horta de ervas medicinais e sabia muito bem quais eram as abortivas, as que curavam cólicas menstruais, as que aumentavam leite na amamentação, as que tranquilizavam bebês que choram demais,

as que curavam corrimento vaginal, as que acalmavam as dores as que curavam corrimento vaginal, as que acalmavam as dores do coração. E, conforme caminhava, percebia a constelação da planta com a mulher.

– Tá vendo essa plantinha aqui do seu lado esquerdo? É a lavanda! Hoje vou te benzer com ela, te dar um chá e uns ramos pra você começar a fazer a sua hortinha. Volte aqui em dois dias! Ainda estará em tempo de escolher o melhor pra você.

Patrícia saiu da benção mais calma. Numa mão a planta. Na outra o celular. E no ventre o filho! A gravidez também lhe dava muito sono. Adormeceu, mas logo acordou curiosa sobre o amendoim. Jogou no Google e leu:

“Se um ‘peg’, pela grande distância que tiver a percorrer, não puder alcançar o solo, ou se este estiver endurecido, mal preparado, de modo que ele não tenha força para perfurá-lo, acaba por murchar sem se transformar em fruto.”

– Um fruto sem se transformar em fruto porque não tem força pra perfurar o solo? O que será que D. Judite quis dizer?

De repente, um vento bem suave traz o perfume da lavanda. Ela lembra que deveria plantá-la. Numa mão o vaso. Na outra a terra. E no ventre o filho! Acometida por um enjoo absurdo, um vômito em jato! O celular caiu do seu bolso sem que percebesse. Só queria ir para a casa de D. Judite. Mas ainda não tinha completado dois dias.

No final da tarde, estava literalmente acabada. E no silêncio do crepúsculo tocava a própria barriga com suavidade:

– Um filho em mim. O que é isso?

Com a pergunta sentiu falta do Google e “caiu a ficha” de que perdeu o celular! Ficou atordoada. Perder o celular já é um trauma, né? No início de gravidez, então... nem se fala! Patrícia

começou a chorar descontroladamente.

“Onde é que coloquei o celular? Bem agora que ia falar com o turtle ninja!” (Esse era o apelido carinhoso para chamar o pai de seu filho nascido ou abortado.)

Então começou a revirar as coisas em busca do celular perdido.

Numa mão procura. Na outra vazio. E no ventre o filho! Ela não falaria com o turtle ninja naquele dia? Chorava.

– Se não achar esse celular, vou ter de comêêê a lavanda da D. Judite in-tei-ri-nha! Cadê ele? Onde coloquei?

Anoiteceu, e com a salvação do sono da gravidez, Patrícia se esqueceu do tal celular. O sono era profundo. Só as grávidas sabem o que é isso.

Na manhã seguinte, despertou com uma música: “Hoje acordei tão só, mais só do que eu merecia. Olhei pro meu espelho e rá. Gritei o que eu mais queria.”

Sobressaltada, pulou e gritou: – O celular! Hoje tenho de achar. Numa mão necessidade. Na outra vontade. E no ventre o filho! Voltou até o vaso da lavanda que havia plantado e viu uma florzinha roxa que já estava toda, toda, com perfume à luz do dia. Bem ao lado direito do vaso, avistou estilhaços de um celular. Como se não bastasse a frustração de ver o celular estropiado, sentiu outro forte enjoo e vomitou em cima dos estilhaços.

Não aguentava esperar mais. Voltou à casa de D. Judite.

Bateu palmas e gritou:

– D. Judite! D. Judite!

Com passos leves e voz mansa a saudação:

– Oi, minha filha, Deus te abençoe!

– A senhora tem uma erva aí pra desespero de perder celular?

Ela sorriu e perguntou: – O que aconteceu agora?

– Fui plantar a lavanda que a senhora me deu, fiquei enjoada, o celular caiu do meu bolso quando vomitei, queria falar com o turtle ninja, não achei o celular, fiquei desesperada, aí encontrei ele em estilhaços, tô descompensada, com sono e com enjoo. Deu ruim, D. Judite! Até raiva da lavanda da senhora eu já senti. O que eu faço? E além de tudo, continuo com medo de contar pra minha mãe!

– Patrícia, você acredita que os arquivos do seu celular podem entrar em baixo do solo e frutificar?

– A senhora pirou?!

– Com ternura sorria. Você vai comprar outro celular, Patrícia?

– Isso é um outro probleminha, né? Mas vou ter de comprar. Dá pra ficar sem celular nos dias de hoje?

– E o bebê aí em sua barriga? Como está hoje?

– Oi?

– O seu filho! Como está hoje? Posso tocar em sua barriga?

– Com uma sensação profundamente estranha, Patrícia concordou.

Dona Judite aqueceu as mãos, fechou os olhos, tocou a barriga da jovem e recitou com doçura:

“Batatinha quando nasce
Espalha a rama pelo chão.
Menininha quando dorme.
Põe a mão no coração.”

– A alma de outra menina habita seu ventre de mulher!

Lágrimas caíram. Emocionada, perguntou: – Perder um filho dói mais que perder um celular nos dias de hoje? É isso?

– Você que está dizendo. Não te disse nada.

– Se abortar não dá pra fazer outro? É isso?

– Você que está dizendo. Não te disse nada.

– Cante de novo, D. Judite. Me ajude a sentir.

Cantaram juntas, sentiram emoção e foram até a horta.

D. Judite agachou e pegou três batatas para Patrícia levar, cozer e se nutrir.

Na mão uma cantiga. Na outra um alimento. E no ventre o filho!

Chegou em casa e viu a sua mãe! Olhou para as mãos e disse com coragem:

– Mãe, estou grávida!

A mãe chorou com boa emoção. Pegou as mãos da filha e disse:

– Deus te abençoou, minha filha!

Nove meses depois... A bebê, a jovem, a adulta e a senhora. Quitutes variados, chá de hortelã e um carteiro bate à porta.

– Encomenda pra D. Judite!

– Veio de longe! Vila Mariana em SP. O que será?

Abriu o delicado pacote e sentiu em silêncio: que presente! Um milagre! Um peg preparado que perfurou o solo e transformou cascas de amendoim em arte. Vida que segue.

Numa mão a devoção. Na outra as ervas. E o filho? No solo do coração:

D. Judite retorna à mesa com fartura de comunicação e humildade.